

A thin vertical black line runs down the left side of the page.

Topografia da Mente Deformável

Roberto Dias Algarte

Dezembro de 2015

1 Introdução

O termo topografia refere-se ao arranjo dos diferentes elementos estruturais e funcionais que compõem um determinado sistema. Os subsistemas nos quais esses elementos estão organizados relacionam-se de tal forma que terminam por definir os atributos e o funcionamento do sistema como um todo. Quando em *La Interpretación de Los Sueños* [1], Freud apresentou sua primeira proposta de uma topografia para a mente, aqui denominada “Modelo das Lentes Emparelhadas”, a antiga concepção romântica e imprecisa de inconsciente ganhava, por assim dizer, um papel mais bem definido na dinâmica dos fenômenos mentais; e também uma “localização” específica dentro do aparato psíquico concebido. A ideia geral dessa primeira topografia era apresentar as atividades psíquicas como resultado de um processo de descarga energética, advinda do subsistema inconsciente, da qual apenas uma pequena parcela alcança os subsistemas pré-consciente e consciente como resultado da filtragem realizada por uma camada censora. Considerando o fluxo e o contrafluxo das descargas, o modelo pretendia explicar o fenômeno dos sonhos, visando sua generalização para algumas manifestações patológicas da vigília, particularmente as neuroses.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a primeira topografia da mente evidenciou o incessante conflito entre as manifestações inconscientes e conscientes: as primeiras são resultados de desejos enquanto as segundas restringem ou impedem a satisfação desses desejos. Entretanto, observou-se que, tanto nos casos patológicos quanto naqueles considerados normais, os mecanismos de defesa que atuam em oposição a manifestações inconscientes apreendidas como desagradáveis ou desprazerosas, geralmente pertencentes ao inconsciente reprimido, são eles próprios também produto de manifestações inconscientes. Assim, o fundamental processo da defesa psíquica não pode ser explicado a partir da mera contraposição entre consciente e inconsciente, como apregoa a primeira topografia, pois o comportamento dentro dessas regiões, em particular o inconsciente, revelou-se heterogêneo. Freud chega a afirmar que *caeríamos en infinitas imprecisiones y dificultades si pretendiéramos atenernos a nuestro modo de expresión habitual y, por ejemplo, recondujéramos la neurosis a un conflicto entre lo consciente y lo inconsciente* [2, p. 19]. Por tudo isso, ficou patente a necessidade de se fazer uma diferenciação funcional e estrutural - ou seja, topográfica - entre estas parcelas do inconsciente: uma, responsável pela defesa, está

claramente mais “próxima” das atividades conscientes enquanto na outra, mais “afastada” ou mais “profunda”, residem pulsões e outras tensões primordiais.

Laplanche & Pontalis [3] argumentam que a incapacidade da primeira topografia em descrever a dinâmica envolvida nos mecanismos de defesa não foi a principal justificativa para a revisão do modelo. Esses autores consideram que as diferentes relações objetais que se estabelecem durante o período da formação psíquica, pelas impressões que deixam, permitem definir duas instâncias topográficas distintas: o Eu, resultado de investimentos libidinais de caráter narcísico, e o Supereu, que se forma a partir do relacionamento com os pais. Os aspectos funcionais e estruturais específicos do Eu e do Supereu são descritos pela segunda topografia; em outras palavras, cada qual possui seus próprios inconsciente, pré-consciente e consciente. Há ainda uma terceira entidade, denominada Isso, totalmente inconsciente, na qual operam as tensões mais primitivas, mais profundas. Assim, a segunda topografia, que não despreza as características essenciais da primeira, define-se pelo funcionamento e inter-relação dessas três instâncias citadas. Freud então abandona o antigo Modelo das Lentes Emparelhadas e propõe um novo esquema representativo que busca reunir o Isso, Eu e Supereu com os entes da primeira topografia [2, p. 26]. Tal esquema, fortemente influenciado pela anatomia cerebral, evoluiu até sua versão final apresentada em *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis* [4, p. 73], quando Freud eliminou uma espécie de sensor auditivo na superfície do Eu: resquício representativo de natureza neurológica.

Nos modelos representativos da segunda topografia, perdeu-se a clareza e o enfoque, em relação à representação da primeira, quanto às trajetórias dos estímulos e das descargas energéticas dentro do aparato psíquico: fluxos progressivos e regressivos. Dentro desse contexto, o presente trabalho tem por objetivo aprimorar o esquema representativo da segunda topografia de Freud, de tal forma que fique preservada a descrição micro-fenomenológica que caracteriza a primeira topografia. Para atingir seus fins, o desenvolvimento dos assuntos se apoiará fortemente no modelo concebido em *A Mente Deformável* [5]. Como esse Modelo da Mente Deformável é uma proposta alternativa ao Modelo das Lentes Emparelhadas, ele se situa no âmbito da primeira topografia. O presente trabalho pretende mostrar que para se considerar as características definidoras da segunda topografia, o Modelo da Mente Deformável não precisará ser abandonado e nem reestruturado, mas apenas estendido, uma vez que seu desenho admite a inclusão e a distinção das três novas instâncias psíquicas.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiramente, serão apresentados conceitos consagrados relativos à segunda topografia sob o enfoque mecânico-psicanalítico descrito em [5]; em seguida, o Modelo da Mente Deformável, dotado das instâncias Eu, Supereu e Isso, será detalhadamente descrito, sempre em consonância com os conceitos previamente expostos.

2 Topografia

No trabalho ao qual este dá prosseguimento dedicou-se uma seção específica à utilização de conceitos da Mecânica do Contínuo aplicados à fenomenologia dos processos mentais concebida por Freud. Isso permitiu a proposição de um novo modelo para a chamada primeira topografia mental, em substituição ao modelo freudiano das lentes emparelhadas. Este trabalho dá seguimento à essa abordagem incluindo no modelo proposto, no Modelo da Mente Deformável, as instâncias típicas da segunda topografia: o Eu, o Supereu e o Isso. Para tal, constatou-se importante estudar brevemente o desenvolvimento dessas instâncias a fim de evidenciar sua estreita relação com os já descritos sistemas primário e secundário.

2.1 Base Conceitual

2.1.1 A Gênese do Supereu

Em seus estágios iniciais, ainda na tenra infância, a mente se constitui fundamentalmente pela região inconsciente e pelas estruturas que a ligam ao substrato, que a submetem à ação de forças endógenas e exógenas. Por isso, Freud diz que o termo “primário”, por ele utilizado para classificar o sistema inconsciente, *no lo hice sólo por referencia a su posición en un ordenamiento jerárquico ni a su capacidad de operación, sino que al darle ese nombre me refería también a lo cronológico* [1, p. 592]. Dentro da topografia psíquica, pode-se considerar como muito pequeno o volume ocupado pelo sistema secundário - localizado próximo à entrada dos estímulos externos vindos do substrato - neste período inicial da infância, quando o aparato sensorial ainda é bastante imaturo, fato que impede a adequada recepção dos estímulos externos pelo bebê. Acredita-se que a maturação receptiva dos órgãos sensoriais, que ocorre durante a infância, desenvolve ou expande o sistema secundário, pois no conjunto das atividades conscientes inclui-se o processamento,

a percepção dos estímulos sensoriais originários do substrato.

A expansão “volumétrica” do sistema secundário se dá em conjunto com a sofisticação dos processos mentais que ali ocorrem. O fator fundamental que promove esse acréscimo contínuo de complexidade nas atividades conscientes é a relação estabelecida pelo bebê com os objetos que o rodeiam. A chamada relação objetal é tão influente no psiquismo humano que alguns autores consideram a solidão - entendida como falta ou carência extrema de relação objetal - como a experiência mais trágica do homem [6]. O primeiro e mais importante objeto com o qual a criança se relaciona é a mãe ou uma parte dela: o seio, nos termos da teoria desenvolvida por Melanie Klein [7] a partir das ideias de Freud, para o qual a relação objetal infantil diferencia o desejo de autoconservação (egoísmo) do desejo sexual (libido), que antes eram funcionalmente indistintos por conta do narcisismo primário [8, p. 84]. Dessa diferenciação, o bebê passa a distinguir ele próprio - encarado até esse momento como sendo todo o mundo - de um outro objeto: a mãe; em particular, o seio da mãe.

Assim, a noção de que existe um outro confere ao bebê o senso de si mesmo, ainda que bastante rudimentar; em outras palavras, do senso do outro advém o senso de si. A partir desse entendimento, inicia-se a citada expansão do sistema secundário e a concomitante modificação de áreas do inconsciente que são adjacentes. Desse desenvolvimento, resulta uma nova instância topográfica denominada Eu, que nessa fase ainda é um *Eu Primordial*, pois inclui todo o sistema secundário e uma pequena parte do primário. Durante a relação da criança com a mãe, com o pai e outras pessoas mais próximas, há dois processos, dentre os vários que ocorrem por conta da constituição do Eu, que têm fundamental importância para o desenvolvimento psíquico: a) projeção, que é uma ação psíquica de atribuir a um objeto externo (ao Eu) aspectos do seu próprio Eu; b) introjeção, quando um objeto externo ou aspectos dele é considerado um objeto interno. Na alternância de prazer e frustração, a criança estabelece um ciclo de projeção e introjeção em relação ao objeto: ela se projeta no objeto, introjeta esse objeto projetado e assim por diante. De alguma forma, tal processo cíclico marca de maneira indelével o Eu Primordial.

Ao longo do tempo e com a expansão generalizada da mente, diminui a intensidade dos efeitos *deformantes* provocados pelo ciclo projeção-introjeção, que continua ocorrendo ao longo da vida. O antigo Eu Primordial termina por se diferenciar das áreas mais recentes do Eu, quando adquire funcionalidades próprias. Dessa diferenciação, dessa parcela do Eu definida pelas relações objetais iniciais, em particular com os pais, surge uma instância

topográfica distinta denominada Supereu [7, p. 63]. O período da infância onde o ciclo projeção-introjeção melhor define o futuro Supereu coincide com a fase onde o bebê se relaciona com os objetos de uma maneira binária: ou eles são bons ou são maus; ou são amados ou são odiados; ou constroem ou destroem. Nesse período, não há a coexistência de experiências prazerosas e frustrantes; elas são mutuamente excludentes. Por isso, o Eu Primordial é fundamentalmente um Eu fragmentado, que mesmo ao se tornar Supereu vai continuar “enxergando” o que é externo a ele, o Eu, sob uma perspectiva polarizada: amor ou ódio; feio ou bonito; certo ou errado. Os preceitos morais que fundamentam os julgamentos binários - preceitos denominados por Ferenczi [9] de Moralidade Esfincteriana - feitos pelo Supereu são adquiridos do relacionamento com os pais durante o ciclo projeção-introjeção, daí resultando a seguinte afirmação de Freud: *el ideal del yo o superyó [es] la agencia representante de nuestro vínculo parental* [2, p. 36].

O Eu que sub-roga o Eu primordial constitui-se numa fase do desenvolvimento psíquico onde coexistem afetos díspares em relação a um determinado objeto. Os antigos objetos polarizados estão agora fundidos de tal sorte que o relacionamento com o mundo exterior, com os objetos externos se dá num contexto bem mais próximo do real. Pode-se dizer então que se o Supereu é o representante dos pais, o Eu representa a realidade. Enquanto o Supereu opera seguindo uma Moralidade Esfincteriana, o Eu se manifesta segundo princípios egoístas, por meio dos quais ele filtra descargas vindas das outras instâncias psíquicas, organiza os estímulos externos e recalca parcelas de energia que ele próprio descarrega num fluxo regressivo até sua região inconsciente. Embora com uma autonomia limitada [3, p. 130], pode-se afirmar que o Eu media uma solução egoísta entre as investidas do Supereu, os impulsos inconscientes e os estímulos sensoriais.

2.1.2 O Isso

Embora Freud considere o sistema secundário uma diferenciação do sistema primário, ele não admite a hipótese, mesmo nos estágios iniciais de desenvolvimento, de um aparato psíquico que opere desprovido de sistema secundário, desprovido de consciência [1, p. 592]. Eis por que na seção anterior considerou-se a mente arcaica dotada de um sistema secundário, cujo tamanho é bastante reduzido em relação ao inconsciente, resultado da incipiência sensorial característica desta fase. A camada da censura, se existir, é delgada e funcionalmente ineficiente: incapaz de conter com o devido vigor o fluxo das descargas energéticas originárias do sistema primário. Assim, em termos práticos, pode-se dizer

que a atuação do inconsciente no início da vida psíquica quase não sofre restrições e as manifestações somáticas refletem fundamentalmente os processos que nele ocorrem: concentração e descarga de tensões, em especial, das pulsões [5].

Com o passar do tempo, o sistema secundário se desenvolve, se expande, culminando na formação das instâncias Eu e Supereu, conforme já descrito anteriormente. Cada uma delas possui sua região inconsciente, que é resultado de uma deformação sofrida pelo sistema primário, não diferenciada em sistema secundário, mas que é fortemente influenciada por ele. Em termos funcionais, essa influência se traduz no “uso” deste inconsciente adjacente para viabilizar o mecanismo do recalque. Menos evidente é a ideia do mecanismo de defesa também operar ali; algo que não é de todo absurdo uma vez que o Eu Primordial é altamente influenciado por desejos de autoconservação.

Nos termos do trabalho [5], o inconsciente como um todo é palco da formação, concentração e eventual descarga de pulsões e outras tensões. Pode-se dizer então que esse processo nas camadas do inconsciente mais próximas do sistema secundário - as parcelas inconscientes do Eu e do Supereu - especializou-se nos mecanismos de defesa e recalque, sem prejuízo de outras manifestações que também ali possam se dar. Acontece que essas outras manifestações, bem como aquelas que ocorrem nas regiões mais afastadas do inconsciente, *são caóticas*¹. Essas partes do inconsciente, às quais não é possível conferir uma especificidade funcional, ocupam o maior volume da mente. Neste trabalho e no seu antecessor, considera-se que o tamanho de uma instância mental é diretamente proporcional à sua influência. Assim, pode-se dizer que essa região desprovida de uma função específica, caracterizada pelo caótico e indeterminado, onde pululam tensões e descargas energéticas engendradas pela libido e outros desejos, é aquela que rege a vida psíquica, desde o início até seu ocaso, seja ela considerada saudável ou não; uma instância difícil de nomear. Sobre esse assunto, escreve o genial Georg Groddeck numa carta à Freud: *...formou-se em mim a convicção de que a distinção entre o corpo e a alma é apenas uma diferença de nome e não de essência; que o corpo e a alma são alguma coisa de comum, que neles habita um lso, uma força pela qual somos vividos, enquanto nós acreditamos viver* [10, p. 5]. Numa outra carta, ele acrescenta: *Sou de opinião que a consciência é*

¹Um sistema dinâmico (dependente do tempo) é dito caótico quando é determinístico mas uma pequena alteração em suas condições iniciais promove uma drástica alteração em seu comportamento posterior. Trata-se portanto de um sistema altamente sensível a condições iniciais. Na prática, como não é possível reproduzir ou determinar exatamente as condições iniciais de um sistema, todo e qualquer sistema caótico é imprevisível.

pura e simplesmente uma forma de manifestação do Isso; que tudo o que acontece na vida humana [...] é, em última análise, criado pelo Isso [10, p. 11].

Embora caracterize muito bem a relevância de seu Isso, Groddeck o coloca numa posição peculiar, em que a instância extrapola os limites psíquicos, invade o somático, adquirindo contornos quase místicos. A Psicanálise assimila a relevância do Isso dada por Groddeck mas, em termos topográficos, o restringe àquela parcela do inconsciente onde não se processam os mecanismos funcionalmente determinados da defesa e do recalque [3, p. 198]. Assim, pode-se concluir que o Isso e o inconsciente começam indistintos e se diferenciam com a maturação do sistema secundário.

2.2 A Mente Deformável

Em relação ao modelo apresentado no trabalho [5], o gráfico representativo do esquema da Mente Deformável no contexto da segunda topografia freudiana, apresentado na figura 1, evidencia uma pequena diferença na localização das zonas de carga. As forças exógenas ou sensoriais F_s e as endógenas F_e têm aqui uma distribuição mais concernente com o efeito que produzem nas instâncias típicas da segunda topografia, em termos qualitativos e quantitativos. Além disso, essa mudança viabiliza a independência geométrica do modelo em relação a cortes axiais, ou seja, ele adquire simetria axial: a face de qualquer corte axial que divida o elipsoide - o formato tridimensional definido da mente - em duas metades possui sempre o esquema mostrado na figura. Assim, as forças exógenas se distribuem ao longo da superfície M mais concentradas nas vizinhanças do ponto de contato com o substrato, onde prepondera sua influência sobre o sistema secundário. Na parcela de M mais afastada do substrato, as forças endógenas preponderam sobre as exógenas, cuja intensidade aumenta na proporção desse afastamento. A área da superfície coberta pela zona das forças endógenas é significativamente maior que a das exógenas, evidenciando sua maior influência sobre os processos mentais, particularmente os do inconsciente.

No início da vida psíquica, a área circular que representa todo o sistema secundário, pequeno em tamanho e fraco em rigidez, sofre uma sensível deformação plástica - um trauma - provocada pela atuação das forças exógenas, tomando a forma de uma elipse. Ao longo do tempo, com a expansão mental que se dá a partir da superfície M no sentido contrário ao das descargas energéticas, ou seja, da direita para a esquerda, essa elipse primordial - o Eu Primordial traumatizado - vai se deslocando para a esquerda por conta das novas parcelas mais rígidas de consciente e inconsciente que ali vão se constituindo.

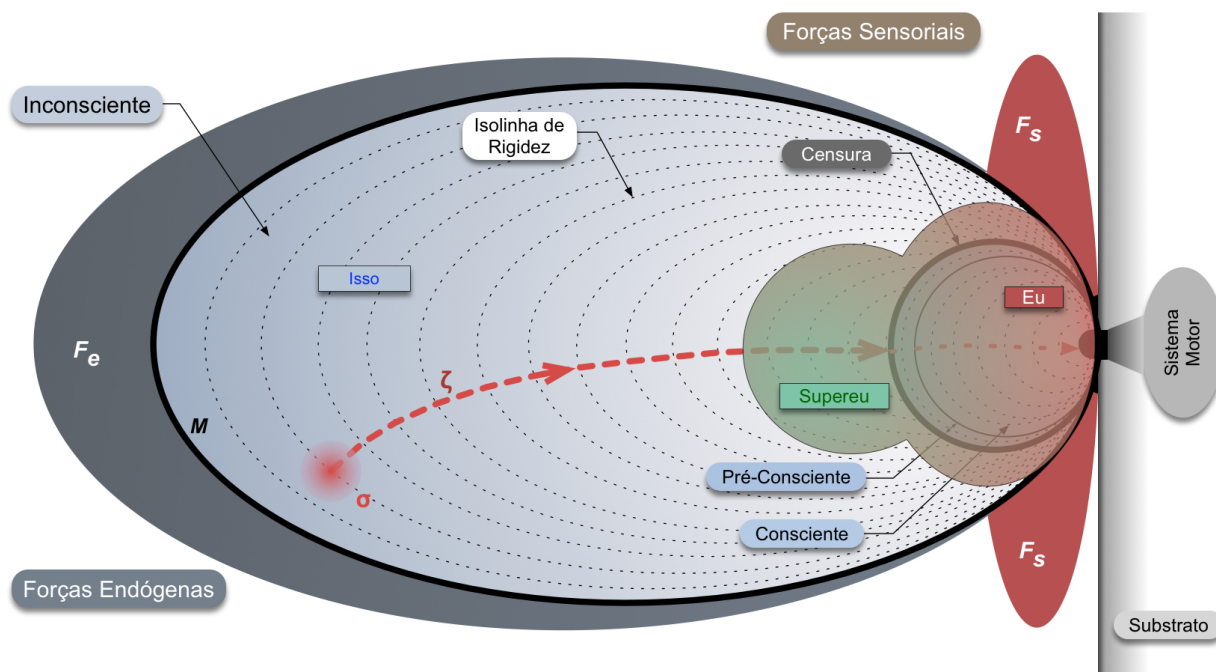


Figura 1: O Isso, o Eu e o Supereu na Mente Deformável

Ao longo do tempo, essas parcelas mais recentes diferenciam-se cada vez mais da elipse primordial até o ponto em que é possível discernir duas instâncias constitucionalmente diferentes embora não haja uma fronteira definida entre elas: partindo-se da região mais recente, ou seja do Eu, no sentido contrário ao das descargas, chega-se à outra extremidade, uma região mais antiga, o Supereu, num caminho de *contínua* mudança constitutiva. Na figura, esse *contínuo Eu-Supereu* está representado pela estrutura gradativamente colorida do avermelhado (Eu) até o esverdeado (Supereu), cobrindo regiões dos sistemas primário e secundário que estão mais próximas da zona das cargas exógenas. Embora a fronteira do Eu com o Supereu não seja claramente definida, pode-se dizer que ambas as instâncias incluem parcelas distintas do sistema secundário, sendo a maior delas pertencente ao Eu. Há portanto uma parcela minoritária do círculo da censura que é fortemente influenciada pelo Supereu, enquanto o restante é gerenciado pelo Eu. No entanto, convém ressaltar que como o Eu e o Supereu se confundem na região central, os julgamentos do Eu - traduzidos num maior ou menor vigor da censura sob sua influência - são fortemente influenciados pelo Moralismo Esfincteriano do Supereu.

De acordo com o exposto em seções anteriores, a parcela inconsciente do contínuo Eu-Supereu inclui os repositórios dos mecanismos de recalque e de defesa; organizados de

uma maneira desconhecida. Todavia, não é absurdo argumentar que a área dessa parcela com tons mais avermelhados na figura, o inconsciente do Eu, concentre a maior quantidade de energias recalçadas porque ações de recalque são típicas dessa instância. Quando desconsideradas essas áreas de recalque e de defesa, o restante do inconsciente - a maior parte da mente - opera desprovido de finalidades específicas, segundo o princípio do prazer, onde prepondera o desejo, particularmente a libido. Nesse inconsciente, chamado Isso, por seu distanciamento do substrato, a ação das forças endógenas é soberana; fato que confere aos processos dessa instância seu caráter instável. Assim, nos termos de Groddeck, o ser humano é vivido pelo caos no comportamento dos fenômenos psíquicos inconscientes, ou seja, somos vividos pelo determinístico imprevisível. O termo determinístico refere-se à toda a fenomenologia descrita no primeiro trabalho, na qual uma certa tensão σ é aliviada por meio de uma descarga energética percorrendo uma trajetória ζ , que atravessa as isolinhas de rigidez num ângulo reto [5]. Esse processo não ocorre apenas no Isso, mas no inconsciente como um todo; e nas regiões onde há uma especificidade funcional - defesa e recalque no contínuo Eu-Supereu - as tensões são produzidas por deformações específicas. Para ser mais claro, em termos gerais, cada tensão é tipificada por seu estímulo: a força endógena “fome”, por exemplo, provoca uma deformação do tipo “fome” em algum ponto do inconsciente e uma correspondente tensão do mesmo tipo. Assim, o processo da defesa é uma pulsão de autoconservação num ponto do inconsciente, dentro do contínuo Eu-Supereu, cuja descarga é utilizada para a defesa. No caso do recalque, uma energia originária da região consciente é empurrada regressivamente para o inconsciente, terminando por gerar ali, dependendo de sua intensidade, uma deformação e a conseqüente tensão do tipo “recalque”. As eventuais descargas dessas duas pulsões seguem a típica trajetória progressiva, perpendicular as isolinhas de rigidez até a camada da censura.

3 Conclusão

O Modelo da Mente Deformável apresentado no trabalho que este sucede mostrou-se expansível às estruturas e funcionalidades da segunda topografia freudiana para a aparato psíquico, conforme descrito nas seções anteriores. Assim, numa só representação, a micro-fenomenologia da primeira topografia e as instâncias da segunda estão contempladas; fato que possibilita considerar um único esquema topográfico para o modelo proposto; esquema que possui duas dimensões: a *fenomenológica*, a partir da qual é possível descrever os fluxos

energéticos através dos sistemas primário e secundário; e a *modal*, onde as instâncias Eu, Supereu e Isso funcionam cada qual segundo uma “personalidade”, um comportamento, um modo de ser específico.

Dispondo de teorias consagradas na literatura psicanalítica, o detalhamento da expansão mental a partir dos primeiros anos da vida psíquica revelou-se adequado para inter-relacionar os elementos de ambas as topografias, conferindo consistência conceitual ao modelo proposto. A apresentação de um contínuo Eu-Supereu, onde as instâncias clássicas se diferenciam gradativamente, transmite a ideia de uma única estrutura na qual coexistem regiões funcionalmente diferentes e regiões mescladas, indiscerníveis, com elevado grau de interação. A adoção do conceito matemático de caos no entendimento dos processos do Isso traz uma certa cientificidade à descrição dessa instância cujos fenômenos não podem ser previstos, apesar de determinísticos nos termos aqui apresentados.

Referências

- [1] Freud, S. *La interpretación de los sueños (segunda parte)*. In: **Obras Completas, Volumen 5 (1900-01)**. pp. 345-611. Trad. de José L. Etcheverry. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2012.
- [2] Freud, S. *El yo y el ello*. In: **Obras Completas, Volumen 19 (1923-25)**. pp. 1-66. Trad. de José L. Etcheverry. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2012.
- [3] Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. **The Language of Psycho-Analysis**. Norton, Nova Iorque, 1973.
- [4] Freud, S. *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis*. In: **Obras Completas, Volumen 22 (1932-1936)**. pp. 1-68. Trad. de José L. Etcheverry. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2012.
- [5] Algarte, R.D. *A Mente Deformável*. In: **Blog Extrato do Miolo**. Disponível em: <https://goo.gl/61NLSq> Acessado em: outubro de 2015.
- [6] Sullivan, H.S. **The Interpersonal Theory of Psychiatry**. Norton, Nova Iorque, 1953.
- [7] Klein, M. *Some Theoretical Conclusions Regarding the Emotional Life of the Infant*. In: **Envy and Gratitude and Other Works: 1946-1963**. pp. 61-93 Vintage, Londres, 1997.
- [8] Freud, S. *Introducción del narcisismo*. In: **Obras Completas, Volumen 14 (1914-16)**. pp. 65-98. Trad. de José L. Etcheverry. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2012.
- [9] Ferenczi, S. *Psicanálise dos hábitos sexuais*. In: **Psicanálise III**. pp. 359-395. Trad. Álvaro Cabral. Martins Fontes, São Paulo, 2011.
- [10] Groddeck, G. **O Homem e seu Isso**. Perspectiva, São Paulo, 1994.